

ENTREVISTADA:

Ana Rita Cortelli Donati – **Lolly Pop**

Entrevistador: Você participa de algum outro projeto social?

“Clown”: Não

E: Não....Nem fora da faculdade?

C: Esporadicamente, mas não que tenha um vínculo, de participar sempre, não

E: Mas antes de entrar na faculdade você participou de algum projeto?

C: Não..oficial não

E: E qual e esse esporadicamente?

C: Não e...é, geralmente quando tem, por exemplo,minha avó vai na igreja, minha outra avó vai na igreja, e ai, e quando tem alguma campanha, que tem lá... que elas vão, ai eu participo mas é... nada que tenha um vínculo com o “clown”, é uma coisa que...

E: Nada como ajudar o DAP aqui na faculdade ou outra coisa?

C: Eu costumava ajudar, agora eu não ajudo mais mas eu costumava ajudar. É que no quinto ano né, a gente fica mais distante daqui ai fica mais complicado mesmo né...

E: É... participar de algum outro projeto dentro da faculdade...não, não né?

C: Não

E: E no momento?

C: É o “clown”

E: É só o “clown”, e só o “Sorrir é Viver”

C: Só

E: Tá, e como você conheceu o projeto e o que a levou a participar?

C: Então, eu conheci o projeto em 2005, eu era caloura, tava no primeiro ano, foi numa aula da Melissange e.... foi com uma aula que... quem deu essa aula foi o fundador, ele deu uma aula sobre os benefícios da...e...da humanização...de uma arte lúdica na terapia com os pacientes, mas não falou nada, ele tava apresentando um trabalho que ele tinha feito, que ele havia feito quando ele estava no segundo ano, né, ele deu essa aula ele estava no quarto ano, então já tinha 2 anos que ele havia feito o trabalho, e... ele tava explicando como ele teve a idéia de fazer esse projeto, e ele explicou o projeto que ele fez pra monografia, como vocês estão fazendo agora e...e explicando os benefícios né, de ter uma arte lúdica associada a terapia dos pacientes, e logo apos essa aula, na verdade a aula foi, ela foi interrompida pelos “clowns”, então ai, então foi um susto porque ninguém tinha ouvido falar de “clowns” aqui e, a gente tinha ouvido falar de “clowns” assim, doutores de alegria e pra teatros meio, uma coisa meio distante né? E de repente eles estavam assim dentro da aula, lá na sala e.... a gente fala nossa que que ta acontecendo né? (risos) E ai teve uma intervenção deles e, eles fizeram uma sketch e eles explicaram o projeto porque ate então não tinham explicado, não tinham falado que se tratava de um projeto né? E isso fez que...

E: E eles eram a primeira turma né?

C: Eles eram a primeira turma, na verdade o... eles fizeram essa pesquisa né, sobre os benefícios, e foi isso justamente que deu a idéia do projeto, né. Então.... foi no primeiro ano que eu fiquei sabendo, e já me apaixonei pela idéia de cara e... no ano seguinte abriram as inscrições e eu me inscrevi....fiquei ansiosa para entrar (risos) e.. aquela coisa, aquilo tudo...

E: E o projeto... mas naquela época ele ainda não era tão..tão consolidado e tão famoso assim, quanto e agora?

C: Não, ninguém sabia, e que hoje, hoje as pessoas...faz parte da faculdade né? Tem DAP, tem liga, tem treinos né.... e tem "Sorrir é Viver", e o "Sorrir é Viver" não tem nada a ver com os outros né? É um... tem uma visão diferente de projeto, não é uma liga, não é trino, não é...não é DAP, é bem único né? Mas as pessoas já conhecem mais mesmo, já são cinco anos né? Mas na época não, conhecia, eu não conhecia...né? E naquela época... porque assim, como foi no começo...

E: Eu vou só perguntar uma coisa agora..

C: Ta...(risos)

E: Tá?

C: Pode perguntar

E: Mas é, porque naquela época, foi...você fez a segunda turma, (isso) você tava no segundo ano quando você entrou (isso) e o fundador do Sorrir já estava no quarto né?

C: Isso

E: Indo por quinto...

C: Isso..é..eu vou... quer que explique mais um pouco? como é que é?

E: Não, é é mais ou menos isso

C: Então quando ele tava no primeiro ano ele e mais dois alunos, é, os três tiveram a idéia de estudar mais, estudar a fundo a questão da humanização, que que era isso? Né humanização na medicina, que que era né? Porquê eles tiveram, eles estavam numa aula da Melissange, uma aula pratica, sobre isso, que o tema era humanização, e eles tiveram a idéia de... ir a fundo nisso daí, ver o que que era... E ai no segundo ano, é, tinha que fazer a monografia então, a idéia de fazer alguma coisa diferente em prol de uma formação mais humana para os estudantes de medicina, essa idéia surgiu no primeiro ano né, a sementinha, vamos dizer assim, porque o objetivo do projeto é você formar estudantes de medicina diferenciados, essa é a idéia do projeto né? O objetivo final é esse, é claro que agente tem vários outros benefícios, mas o objetivo final é esse, provocar uma certa mudança no olhar que o medico tem, né, o futuro medico assim, provocar essa, esse olhar nele enquanto ele ainda não tem vícios da profissão mesmo

E: Você acha que o foco principal é o medico, não é o que ele vai causar no paciente?

C: A..a.. o que ele vai causar no paciente esta diretamente ligado ao como ele vê esse paciente né? Então o objetivo é tornar a pessoa que cuida um pouco mais sensível né? Um pouco mais...ahn.. aguçar a sensibilidade dela, e é até assim, que ela...ela..é... ela fique mais acessível para o paciente e ela consiga perceber melhor o que ele tem, e assim, sem contar coisas básicas como ter educação, atender bem né, tudo o que... o que se espera assim, já no básico né, uma coisa basal, mas aguçar mais essa...essa sensibilidade para você ver os problemas que de repente não vem pra você de mão beijada, né, é.. você estabelecer com isso um vinculo com o paciente, um vinculo, assim uma amizade, criar uma amizade mesmo, pra você conseguir colher...não só

colher dados de uma forma melhor, mais precisa, e você cria uma amizade, a pessoa confia mais em você, e pra você também tratar de uma forma mais humana e que isso, tratando o ser, sendo da atitude a aceitação da sua terapêutica vai ser mais rápida né? Então, é.... eles tiveram a idéia em 2005, desculpa 2002, quando eles estavam no primeiro ano, ai eles fizeram um trabalho sobre orientação da professora Lurdes da Saúde Coletiva, fizeram um trabalho no segundo ano, e... o Toninho. na verdade só conseguiu contato com o Toninho no final do terceiro ano né, é por que a idéia surgiu, dai até bolar o que seria feito, como seria feito, colocar no papel mesmo as idéias e falar isso vai virar um projeto, da idéia pra pratica é um passo enorme né, e assim né, eu acho que é muito louvável o que eles conseguiram fazer, então ai eles conseguiram nosso professor Antônio Correia Neto, né, no final do terceiro ano, condição assim, é um pouco diferente né... que não teria salário (risos) mas ai agente conseguiu né, depois de muitas conversas entendeu qual seria o objetivo do projeto e topou ser professor sem receber né então toda vez que perguntam sempre falam, meu ele trabalhou assim, é três anos de graça né, hoje ele recebe (risos), né, mas então.tão.... Mas então no quarto ano, foi a primeira turma, e entenda que o Léo, enquanto não era "clown", né, ele era da primeira turma, na formação dele de "clown", ele era coordenador, né, (risos), né uma coisa diferente, você não sabe ainda no que vai dar o "clown", o seu "clown" você não sabe como vai ser, e ele era o coordenador, então a primeira turma foi bem atípica, né, e a gente considera todos eles, a idéia foi do Léo junto com as outras duas meninas, uma delas também a "clown", a Simone, mas a gente considera todos eles como fundadores, né, porque, é, foi um grupo, e foi por convite que os outros participaram, porque se eu vou criar um projeto novo, que não tem, e eu não sei em quem vai dar, a gente vai chamar quem eu confio, quem eu conheço né, mau amigo, né, então o primeiro...a primeira turma foi por convite né, então as pessoas falavam os amigos do fundador do Sorrir né, porque era assim que eram chamados, que eram conhecidos, então foi assim.

E: Era o fundador do Sorrir e mais duas?

C: É.

E: Ambas são “clowns”?

C: Uma não. Ela não fez o curso, a verdade é que eu... é até uma dúvida que eu tenho, quando vocês forem entrevistar alguém, eu lembro muito do Toninho dizendo que tinha uma pessoa, uma menina que começou o projeto e parou duas aulas depois, assim poucas aulas depois ela terminou porque tinha que fazer um outro curso, e eu sempre tive essa dúvida se era ela, ou se era uma outra pessoa então... mas ela, de qualquer forma ela não fez, não concluiu. Acredito não ter sido ela porque dos arquivos que a gente tem, das fotos que a gente tem da primeira turma não tem nenhuma foto dela, então eu acho que não é ela, né, essa pessoa.

E: Por favor nos conte um pouco sobre sua passagem e suas experiências com o projeto

C: E...vamos ver... i tem tanta historia pra contar (risos) então, entrei no projeto, me apaixonei logo de cara, no primeiro ano, segundo ano abriram as inscrições, e entrei no projeto, era até, eu não esperava que eu fosse entrar, por que eu não conhecia ninguém, eu não treinava, no primeiro ano eu fiquei meio na moita assim sabe,(risos) tinha as que participavam super, as que eram contra, e as que ficavam na moita, encima do muro assim, sabe? (risos) Era eu, então eu fiquei até sem uma, sem... essa vale a pena contar, uma historia engraçada... eu tava esperando pra..na palestra aqui né, ia ter uma apresentação né, eles enrolam a gente né, eles... to falando eles porque foi antes de eu entrar né (risos), eles estavam decorando a sala, e a gente coloca roupa na parede, né, e bem bacana, e... eu tava esperando do lado de fora, passou o (colega “clown”) que é da primeira turma, tava no quinto ano, e ele passou por mim e falou assim, 'você vai entrar aqui?', eu falei 'vou', 'mas você sabe que é só pra medicina né?', ai eu falei, 'eu sei... eu sou da medicina', ai ele ' a tá, pensei que você fosse da farmácia,enfermagem..', 'não,não,não eu sou da medicina', ai ele ' a mas você sabe que é...é só à partir do segundo ano né, calouro ainda é muito cedo pra vocês entrarem...', eu falei 'pô eu to no segundo ano', ' pô onde é que você tava que eu nunca tinha te visto' (risos), eu

não sei nem se ele lembra disso, então imagina que quando eu entrei no projeto, entrei assim, eu conhecia as pessoas da minha sala e tal mas eles eu conhecia assim, eu os conhecia né, eles não me conheciam. Então assim, eu entrei no projeto porque a seleção... era a primeira vez que fazia uma seleção o né, igual a gente faz esse ano, faz a entrevista, dinâmica, a visita no hospital, faz logo tudo isso (risos), dura três dias intensivão, puro intensivão, e esse ano foi o primeiro ano que eles, começaram a escolher, né, a primeira turma foi por amizade né, a segunda foi por, quem quer entrar né, agora da certo, o projeto existe, quem quer entrar, então não tinha uma experiência em como selecionar essas pessoas, então foi feito uma, a gente respondeu um questionário, em um papel mesmo, a gente viu a palestra, teve uma dinâmica, e... e assim, chegaram a conclusão que tinham que mudar ainda algumas coisas, aquilo não, acho que não tinham conseguido certo pra fazer uma peneira, resolveram passar todo mundo, ainda bem! (risos) Né? Eu fui com a galera, passaram vinte e três

E: Nossa! Maior que a nossa ainda

C: É, foi recorde, a minha foi recorde, e entrei com a galera né, e... então assim, entrei, assim na minha, quietinha, super tímida, insegura, envergonhada, mas assim, com aquele sonho de participar e... muito... botar uma máscara, ajudar a conduzir o projeto... ao que fosse necessário de ajuda, estaria disposta né? Então, é... foi com muita alegria que no quarto ano fui a coordenadora, foi muito legal, no ano anterior eu tinha sido coordenadora financeiro mas financeiro... o que eu guardava o dinheiro do projeto que era, que era pouquíssimas coisas, então assim...né? Mas o... mas ai no outro ano eu consegui ser coordenadora, que era uma coisa que eu queria muito, e fiz com muita alegria, né? Então assim né...é... eu tinha uma visão, antes de entrar... as vezes eu chegava aqui mais cedo, né, nas aulas de anatomia, que tinham dissecação, aquelas coisas né, então chegava aqui mais cedo e via eles passando pra atuar lá no ambulatório, de roupa, já maquiado... então, aquilo pra mim era assim o supra sumo, eu falava nossa, estou sendo transportada para um outro mundo, para um mundo mágico (risos) só de ver eles passando, ai muitas vezes eu ia lá velos atuando né? Conhecer.... eles

não devem lembrar porque na hora da atuação você fica meio... você tem que se concentrar naquilo né... e como eles não me conheciam então...(risos) Mas eu ia lá freqüentemente da uma espiadinha assim (risos) na atuação deles e tudo mais, e era muito legal, era muito gostoso, e tinha aquela vontade, então quando eu consegui, quando meu “clown” surgiu e finalmente eu vi que eu tava participando daquilo eu... nossa, é assim você chegar em casa e não consegue dormir de idéias e mais idéias que você tem, né? E é uma coisa que eu te falo, né, como recém formada, uma coisa que o Léo me falou, guarda sempre um caderninho do lado da cama, por que de repente você acorda no meio da noite e tem uma idéia, pensa em escrever, aí já deixa ali do lado, e escreve, não é realmente, e depois eu fui ver, depois de coordenadora, você começa a ter varias idéias, você... depois de um tempo você vê quais são os problemas, você vê o que deu certo e o que não deu, se fala bom, vamos propor uma nova estratégia né? Então você vai tendo varias idéias, e... anotava tudo, a Bruna também, por que....é... muitas reuniões muitas anotações, pra ver daquilo o que tinha saído, então é muito bom escrever.... não deixar perder. Então assim, é muito gostoso né... é muito legal.

E: E com relação assim, ao seu contado direto com o paciente como “clown” né? Você pode falar um pouquinho como era essa experiência?

C: Então é... é uma experiência nossa, eu fui, eu tava conversando com outro “clown”, semana passada né? No começo você tem uma preocupação muito grande com a técnica né? Porque você ainda não dominou totalmente seu “clown”, você não descobriu ainda como é que ele funciona, né? Apesar de ser... do “clown” ser uma... uma parte da sua personalidade que as vezes fica meio de lado, é... você ainda não sabe como ele funciona nas determinadas situações em que ele é colocado né? Então você fica preocupado onde coloca a mão, coloca o pé, a voz, se a voz ta certa, você fala alto ou fala baixo... Então uma serie de coisas que com o tempo ficam automáticas, então você entra no ambiente 'a aqui eu tenho que falar mais alto' ou 'aqui eu tenho que falar baixo', então é... você começa a perceber já, então no começo é bom vocês terem essa preocupação né? Porque... faz parte de

você... tá atento pra você tentar ser um bom “clown”, ter uma boa técnica, e depois que você está mais confortável, você começa a curtir um pouco mais, porquê a final a gente tem que se divertir, o “clown” é pra gente... explorar essa alegria, como é que a gente vai contaminar o ambiente de uma forma lúdica se você não em alegria naquilo que você faz, tem que ter um envolvimento, ou sentimento naquilo mesmo, por isso que é tão difícil quando, você não entra de cabeça num projeto como esse, ainda mais nesses moldes, que você está tão exposto né, os seus sentimentos estão expostos, você fica sem barreiras né? É difícil... se você não se envolve com aquilo, e se você se envolve de uma forma que não é.. muito clara e. assim... a gente fala de mascaras né? Se você não se envolve de coração mesmo, é difícil você agüentar... porque demanda muito esforço, né? imagina no final da aula a gente tem que i, ainda vai se trocar, se encontra no banheiro, põem a maquiagem, vai se encontra, vai no hospital, fica uma hora, uma hora e meia atuando, volta, ai chega em casa que horas? De noite, bem de noite, né? E tem prova, prova, prova e prova... então assim, tem que amar isso que faz, é isso que eu acho, porque... assim, são.... agente faz isso de uma forma muito... são muito, muitas coisas que a gente tem que abdicar, de um tempo mais folgado, assim, demanda muito esforço mas ao mesmo tempo a recompensa.... eu acho que se você se envolve de coração mesmo a recompensa vem... é infinita né? Então assim... esse envolvimento que a gente cria com os pacientes é maravilhoso, e tem lugar que a gente vai.... no ambulatório é um lugar que a gente vai que as pessoas são pacientes ou acompanhantes que vão fazer uma consulta, ou para um procedimento pequeno, né? Porque alguns vão ali pra procedimento... mas assim, as pessoas estão saldáveis, estão andando, de uma forma ou de outra é uma saúde um pouco melhor né? Então vão pra consulta, não estão internadas, né? É um perfil de paciente. Outro perfil de paciente é o paciente que tá num hospital por um problema agudo, ou de resolução rápida, uma internação por uma infecção, ou vai para uma cirurgia, ou algum problema que necessite uma internação, e que logo ela recebe alta e já está bem, um outro perfil de paciente é o paciente crônico, que vai fica lá internado muito tempo, e nesses agente consegue, os que ficam internados por pouco tempo agente também consegue um vinculo porque as vezes ficam... sei lá, 2 semanas, 3, um mês, sei lá, depende do problema. Mas esses crônicos, principalmente as crianças agente

tem um vínculo enorme, porque elas esperam que você vá lá, por isso que a gente fala, é um trabalho que demanda muita responsabilidade, porque as pessoas ficam esperando, tem a hora, a gente tem um horário pra ir nos lugares, então da a hora eles ficam esperando, né? Então assim, tem que ir, e a gente tem conseguido manter uma presença boa né, tem... sem da furo, sem faltar, a gente consegue um...mesmo quando tem pouca gente a gente vai, né? Dois, um, já chegou a ir um sozinho, então assim... então você estabelece um vínculo que quando você tira aquela roupa de "clown" você ta mais desenvolvido para falar com pessoas que você não conhece, porque é um problema você ser estudante de medicina, te jogam no hospital, 'bom agora você vai lá.... tira lá a historia!', 'faz o exame físico', agente fica 'ai meu deus o que eu vou falar lá?'. Você já não sabe o que você vai perguntar, examinar você ainda não sabe direito, já leva a colinha 'ai não posso esquecer'. Então assim, você tem um problema, uma preocupação com a técnica medica, né? Se você tem essa bagagem, essa desenvoltura sua insegurança e seu medo são menores, porque o paciente percebe quando você esta inseguro, percebe quando você tem medo. Então pro estudante de medicina, vocês vão ver... uma diferença grande entra quem fez parte do projeto e quem não fez, é claro que isso também...é... quem tem boa vontade, quem é mais simpático... é claro que esse também se da bem, mas o projeto tem essa bagagem por traz, e você consegue, depois que você esta bem na técnica, né? Como eu tinha falado, depois que você tem uma certa autonomia daquilo que você faz, você realmente fica mais sensível pros problemas, é incrível, eu não sei como mensurar isso... mas é... você entra em um lugar você já percebe, você estabelece um vínculo com a pessoa, com uma pessoa que você nem viu, de repente só no olhar, você olha e.... você... é uma coisa que assim, nem sem como medir...(..) É lindo mesmo! Eu queria que todo mundo fizesse parte assim, porque foi assim, foi uma sacada ótima e... e assim, aquilo que você,né? Faz as perguntas, anamnese, exame físico.... pergunta aquele monte de coisa, você tendo uma amizade, você sendo simpático, abrindo um pouco a... saindo um pouco daquele pedestal de medico, sai um pouquinho, você ficando, tratando o paciente de igual pra igual, ele se sente mais confortável, né, ele fica... ele vê no medico um amigo, e a verdade é essa mesma, essa que os médicos antigos... eram mais assim do que hoje, eu vejo assim, os médicos

antigos, ai eu vejo umas trevas assim, no meio (risos) e agora vem essa geração nova, que agora vem uma preocupação... então assim, o fato de você ser amigo do medico, você fala coisas que você não falaria pra mais ninguém e assim, informações cruciais pra você entender o que a pessoa ta passando, e de repente esse problema dela nem é tão grande, ela precisa só de um desabafo, precisa só conversar, e no fim da consulta ela ta... mais leva. Então isso é assim, eu percebo isso no internato agora, que eu acho que é até o objetivo de vocês perguntarem isso pra pessoas do internato né, você vê essa diferença na hora de trabalhar com as pessoas, né? Você percebe que mesmo que você tenha um tempo curto pra atender, 15 20 minutos, sei lá, tem uma fila enorme que você tem que atender, é assim, atenda com paciência, com simpatia, vamos ouvir, ouve com calma, no final a consulta sai até mais rápida, não que você tenha que demora, escrever a vida da pessoa, mas você obtém as informações muito mais rápido... e você percebe quando a pessoa assim, ' tem alguma coisa ai que ela não me contou', ai você mas não tem mais alguma coisa que você queira falar?', ' voltando àquilo, como foi isso, me explica?'. Roce faz a mesma pergunta de um outro caminho né? Se conseguir a mesma resposta faz um outro caminho, 'como é que foi aquilo mesmo?'. Então... esse raciocínio de vou tentar uma outra alternativa pra conseguir a resposta que eu quero, ou acontece alguma coisa no momento ali no momento da consulta que você não ta conseguindo resolver, esse improvisado que você tem pra raciocinar vem muito do "clown", essa sacada, porque é uma coisa muito... muito rápida, muito dinâmica, na sua visão. Surge um, surge outro, um fala isso, outro fala aquilo, e não necessariamente pode ser... para o nosso objetivo que é saúde né? Não e palco, não é lazer, não é... não é um publico que vai ver atores formados né? O publico, o paciente né... não necessariamente o nosso objetivo e ser engraçado, muitas vezes a pessoa precisa ali, naquele momento de... um abraço, de uma mão pra segurar, de um ombro pra desabafar, chorar, quantas vezes a gente foi no hospital e... assim, tinham acabado de receber a noticia que alguém tinha morrido, da família, alia a pessoa não precisava, obvio, de uma piada né? Que ela precisava? precisava de um abraço. Quantas vezes a gente não ta passando... ' a vem aqui me da um abraço', da um abraço, chora, desabafa, desabafa, desabafa,... então assim, a idéia no "clown", é aquele

momento lúdico, aquela pincelada na vida de alguém que... muito mais de si mesmo, essa que é a função, agora você imagina essa pessoa que...

E: É a ajuda necessária naquele momento.

C: É a ajuda necessária, as vezes a gente entra num, é o que a gente fala, as vezes a gente entra num quarto, a gente não sabe o que ta esperando a gente né? É, as doenças... num quarto tem uma apendicite, no outro também tem.... num quarto tem um câncer hepático no outro também tem.. mas as pessoas que tem essas doenças são diferentes e lidam com a doença de forma diferente, então de repente o que cada um precisa naquele momento? Um precisa de um desabafo, o outro precisa da uma descontraída, então eu nunca sei, essa que é a sacada, é dai que você.... ao entrar como “clown” num quarto você tem que captar, em segundos, do que a pessoa precisa, e se ela não te da uma pista você tem que... dai você usa a técnica do “clown” pra descobrir o que é aquilo que ela precisa, e dai que você tira... é... fazendo isso depois de sei lá quantas vezes, na hora que você vai atender alguém, um paciente aquilo fica... é um conhecimento que você adquire, uma habilidade que você adquire, então é muito importante, realmente tem uma mudança na forma de abordar uma pessoa enquanto você ta medico, enquanto você está de médico. O que eu ia falar é assim, você imagina uma pessoa que é capaz de provocar uma magia instantânea, ali no momento de dor ou de tensão, imagine que essa pessoa é uma pessoa real, do mundo real, não é uma pessoa de desenho animado, não é uma fantasia (risos), é uma pessoa que exista, e que depois, quando ela tira a roupa, ela é médica. Agora você imagina aliar os dois. A capacidade dessa pessoa... essa capacidade de abstração, essa capacidade criativa, né? E... também uma capacidade científica, conhecimentos médicos, numa pessoa só, né? É genial! Entendeu a idéia? A Idéia é ótima, é até tem o documentário dos doutores da alegria que tem.. eles atuam lá no HC né? Em outros hospitais também né, no Rio de Janeiro, Recife... em outras cidades.. aqui em São Paulo também, eu outros hospitais, mas no documentário é muito interessante, o chefe lá do departamento, o medico chefe lá. O medico fala assim, num determinado momento: 'a gente vê o paciente de uma forma, com uma patologia, todos os

problemas, o que ela precisa, todas as medicações, cirurgias, sei lá qual vai ser a terapia e você imagina... você tem esse olhar... agora você imagina vem aqui um "clown", que é um artista, um profissional, um ator né? Que são os Doutores da Alegria e tem uma outra visão, tem uma visão... consegue ver 'a alma', vê o que aquela pessoa precisa, vê... não vê uma cirrose, vê que de repente tem uma historia de vida ali a traz, não é uma cirrose, a pessoa não é uma cirrose, a pessoa tem um nome, um endereço, uma historia de vida, o que ela almeja, o que ela queria ter feito, que não conseguiu fazer, né? Será que os sonhos dela ela ainda vai conseguir realizar? Que sonhos foram esses? Quais serão os outros sonhos', ele falando né,'A gente tem uma visão e eles tem essa outra visão', agora você imagina ter as duas visões numa pessoa só

E: É genial

C: Não é? Então a conclusão é essa, por isso que eu digo, o objetivo é você formar médicos mais humanos, só que essa humanização da medicina é muito mais profunda do que é tão divulgado por ai, ta até meio banal, o termo, vamos dizer assim, mas é aquilo que você falou, então você formando médicos que tenham essa visão você vai tratar melhor o paciente, a consequência sempre é essa, o objetivo nosso é esse, pra consequência ser o que? Ser uma geração de médicos que tratem bem o paciente, os objetivos são muitos, e não só o de tratar melhor, de ser melhor medico mas acho que promove um crescimento de cada um, assim, pessoal, muito maior, muda muito como você encara sua vida. Eu acho que medico é medico... assim, ele é medico em todas as horas da vida mas vamos pensar que não é sempre que você ta como medico né, você vai fazer compras, vá passear, você não ta o tempo inteiro agindo como medico, mas é uma mudança que provoca em você que gera uma mudança de comportamento até com.. seu irmão seu vizinho a família...né?E isso é interessante...

E: Nossa, eu acho muito valido ver tudo isso que você falou, porque eu tenho medo sabe? De que as pessoas percam isso, sabe? A gente participa do projeto, e tem muita noção disso, eu tenho muita noção disso, eu realmente espero... por isso que eu escrevo, eu até brinco, tudo

que acontece de mais importante na minha vida eu escrevo, porque se um dia esquecer é só eu ler que eu lembro, e eu realmente rezo pra eu não esquecer, e eu tenho medo que as pessoas vão passando... por estar no quinto ano você não atua mais né? No ambulatório...

C: Então justo agora quando eu ia conseguir atuar toda semana porque eu to num ciclo tranquilo, teve a gripe suína, o que beleza! Porque eu tava na cirurgia, GO, que são um pouco mais complicados, mas quando tem essas.... é.. esses eventos que.. diferentes, eu procuro ir sempre, e eu procurava ir sempre no curso de formação né? Lembra que eu dei... fazer o máximo que eu podia pra ir né? Tem que ter um esforço mesmo

E: E não é uma coisa que fica quieta, você tem que trabalhar também né? E depois que você entra no quinto sexto ano fica mais corrido, de certa forma

C: Vai

E: E você fica mas.. não vai perder contato com o “clown” assim né? É uma coisa que é sua né? Não vai perder

C: Não, é, e ai que ta mais ainda a genialidade do negocio, porque eu não me imaginaria, depois de formada como, sei lá, residente, ou depois da residência, com consultório, ou sei lá o que, vida medica estabelecia, com sei lá, casada, filhos, e outras responsabilidades, você imagina você procurar um curso de humanização da medicina depois que você já é medico, então esse é o momento, é um momento muito curto.. é isso que eu falo, é um momento muito curto que você tem para aproveitar uma chance como essa, que é do 1 ao quarto ano, que vai provocar uma mudança, se você permitir e for de cara limpa, peito aberto, vai provocar uma mudança pra sua vida inteira, né? Porque você nunca perder isso. Justamente por isso, porque você chega no quinto, sexto ano o negocio fica mais difícil mesmo, pra você se envolver com isso, porque você entra em dois anos que você tem que... suportar uma rotina de estudo maior, você tem voltar mais a... sua rotina para conhecimentos,

aprofundar os conhecimentos médicos mesmo, e infelizmente essas coisas que nos dão mais prazer a gente acaba.... não tem mais tempo mesmo nesses dois anos, então nossa, até o quarto ano é ideal gente, façam todos, porque é muito legal. (...) E no final as conclusões que você tira do projeto você só vai ter não sei quanto tempo depois, então muitas fichas começam a cair...e isso o que eu falei aqui é uma percepção que eu tive né, depois outra pessoa teve outra opinião né? Mas assim, a percepção que eu tive é que foram acontecendo com o tempo, não foi que um dia eu falei 'nossa é isso!', 'nossa então a chave do sucesso é isso ai!', o projeto não é assim né. Nossa se fosse assim fácil eu não ficava com um puta medo na hora da primeira atuação né, que você imagina o medo que da, nossa,

E: Então...ahh.. você considera que sua participação no projeto “Sorrir é Viver” influenciou sua formação?

C: Nossa muito, eu já respondi essa né?

E: Já. Você considera que sua participação no “Sorrir é Viver” influenciou sua relação com seus pacientes?

C: Muito também

E: Ai se você pensar em mais você fala

C: Então, é... é o que eu tava falando, disso de você ter uma percepção do que o paciente precisa, então como eu já falei isso antes eu vou da um exemplo né, só pra mudar um pouquinho e fica mais ilustrativo (risos) né? É... eu vou fala aqui mas eu falei pra vocês lá, no curso, eu acho, mas como ta gravando eu vou falar aqui, de novo... Foi um dia que a gente tava atendendo aqui no barracão, na Hebiatria, e eu tava... tava eu e mais uma menina né, que é a Silvia, que também é do “clown”, e a gente tava atendendo uma criança...(...)ela devia ter uns 12, 13 anos, e ela tinha uma doença... eu não me lembro qual era, mas não era o Down, era alguma coisa assim, mas ela tinha muita dificuldade pra falar, acho que era Down sim... e é era Down,

agora eu me lembrei, mãe então ela tinha muita dificuldade pra falar, até o que eu estranhei por que 13 anos com dificuldade pra falar é... assim, ela ia numa creche, num APAE, não tava indo direito, mãe não levava com uma certa freqüência ia então muito se perdeu, daquilo que ela poderia ter desenvolvido, do pouco que ela poderia ter desenvolvido então ao ela não teve, porque ela não conseguia falar direito então assim, conversando com ela, mas assim, super assim 'Você tem dor de cabeça?' 'Tenho', 'Você tem dor de cabeça?', 'Não' (risos) 'Ta doendo alguma coisa?' 'Não' (risos). E a mãe assim, eu virava pra mãe desesperada né, 'Mãe que que ela quer dizer?', né? 'É o sim ou é o não, você conhece mais, o que que você acha que ela tem?' 'A eu não sei', Então assim, ela não sabia o que ela (filha) queria dizer, e também não sabia o que ela tava sentindo, quer dizer, ela não acompanhava a própria filha, então você imagina uma menina com Down, com uma mãe relapsa, que não.. quer dizer, muitas vezes você tem um problema com o paciente você pergunta pro acompanhante né? Mas nem com isso ela conseguia ajudar, ai eu fiz uma pergunta, só pra, tem lá no roteirinho essas perguntas mas, essa pergunta seria feita mas eu já logo fiz em seguida, 'Com quantos quilos ela nasceu?' 'ah... humm... é, 3 ou 4 ou 5', '5!?', "É ou 3 e meio... ah eu não lembro", "Que dia ela nasceu?". Isso eu não ia perguntar né? Porque geralmente o paciente já fala o dia ou já vem na matricula, né? E eu tinha comigo ali a matricula, que preencheram com o documento, né, e só pra testar eu perguntei a idade do nascimento. Ela não lembrava! A data de nascimento da filha! Ai eu falei, bom, se ela não sabe isso, eu acho que eu conheço a menina melhor do que a mãe, né? (risos) E nisso ela começou a ficar um pouco tensa, a menina, porque a gente fazia as perguntas, ela não sabia responder, ela foi ficando nervosa, e a gente não tava conseguindo contornar a situação, ai ela foi ficando nervosa, e meio que... ia começar a chorar e travou, não responde mais, abaixou a cara e... não respondia. Ai né, agora...'agora a minha "clown" seria de uma utilidade incrível', pensei, falei, bom, já que a minha "clown" não ta aqui, eu to né Mas então, sei lá, vamos ter uma idéia, e eu queria entender né ' Mas porque você ta não nervosa?', 'Duas, duas duas' e ela fazia ' duas duas duas, branco, duas, branco', então que tava assustando era duas pessoas, mesmo que duas meninas, assim, simpáticas até, a gente falando com ela com uma certa descontração mas a gente tava de branco, do outro lado da mesa, quer dizer já

tinha um certo distanciamento, e com mil coisas penduras, o estetô...ai eu falei 'Bom, então, então vamos conversar', ai eu virei pra colega 'Silvia (nome fictício) vamos tirar o avental?'

Então a gente tirou todos os apetrechos, estetô, fita métrica, tudo o que a gente tava usando, tirei o avental, fiquei com minha roupa, e ainda tinha uma roupa até que animadinha, floridinha por baixo, ainda bem né (risos), ai me aproximei dela, abaixei, né, fiquei na mesma altura que ela, não fiquei mais alta, 'É que que você tem aqui?'. Ela tinha uma Hello Kitty, e meio assim, não queria responder, mas na hora que eu tirei o avental, e fui chegando mais perto com jeito ela foi se soltando, ai eu falei ' Que que você tem aqui?' 'Ai ela tem uma Hello Kitty', "A... me ensina a desenhar? Eu quero tanto aprender a desenhar, eu não sei, me ensina? Vamos vê?', ai ela foi fazendo uns rabiscos, eu fui tentando desenhar, fui tentando e desenhei uma Hello Kitty, assim do meu jeito né, não sou nenhum Van Gogh nem nada (risos) desenhei mais ou menos, ai dei o desenho ela "Oh!Kitty!Kitty!Kitty!Kitty', ai eu 'Kitty né?' 'Kitty!'. Quer dizer, abriu um sorriso, parou de chorar, eu dei graças a deus, ai, vitória né? Agora eu consegui, então assim, ela viu que eu tava ali, que eu era de repente uma colega, uma coleguinha dela, uma amiga la do lugar que ela freqüentava, que ela consegue falar que ela não tem medo, e a gente conseguiu conversar com ela, né? Desenhei uma florzinha pra ela, mas assim, o resto da consulta eu fiz sem avental, e a gente conseguia entender, o que ela realmente sentia, né? Ela tinha uma dificuldade pra falar porque ela deveria fazer acompanhamento com a fono, não fazia, ela tinha uma macroglossia importante, que já é da doença mas contornável com fonoaudiologia, indo na APAE, e isso ela não fazia. Então a gente conseguiu nortear a consulta né? Então assim, isso é uma idéia de como resolver um problema desses,... então assim, de repente se eu não tivesse... é uma coisa tão simples tirar o avental né? Então de repente eu não teria essa idéia, mas são coisas assim que a gente vai aprendendo, e você as vezes chegam 'Que que você tem?' 'Trouxe algum exame? Retorno?' 'Não', 'Porque que você veio, aconteceu alguma coisa?' 'Não' 'Mas... que que você tem?', "Nossa minha vida ta no fundo..." sabe, ele tem problema com o pai, tem problema com o emprego, sabe então as vezes é só conversar, só ouvir, 'A marquei porque eu ACHO que eu to com uma dor estranha no estomago, mas não sei porque é, e eu vi aqui pra ver o

que que era isso', e no final não era dor coisa nenhuma era um dia que teve, e não era aquilo que era importante, o cara precisava é de um riso, né? O médico ele... eu tava até conversando com uma colega de grupo de internato, o nome dela é Susana, ela foi um dia no "clown", no curso, dos 23 ela passou, ela foi um dia só, e depois ela não pode mais ir, ela teria feito o curso de "clown", mas ela naturalmente já é uma pessoa diferenciada né? E tava conversando com ela e a gente tava falando, medicina é um sacerdócio né? A gente tava pensando, é uma coisa, se tem que ter uma paciência, um dom pra ouvir, uma paixão por aquilo, entendeu? E por gente, você tem que gostar de gente, se você não gosta de gente você ta no lugar errado, se você não gosta de gente você vai passar pelo internato sofrendo muito né? Porque vai atender pessoas, é complicado.

E: Como a participação no "Sorrir é Viver" influenciou sua vida profissional?

C: É não é bem vida profissional, mas é aquilo que eu falei já

E: É... tá, em sua opinião a participação em projetos como o "Sorrir é Viver" é importante na formação médica?

C: Acho que sim, muito importante, mas eu acho que você tem que ver qual o objetivo do projeto de humanização né? Como eu falei ficou muito banal né? Humanização, humanização, mas o que que é isso né? Então assim, é um projeto que funciona, é um projeto.. qual o objetivo do projeto? Como ele é estruturado? Quais são as atividades do projeto? Porque a gente vê muitos projetos que não deram certo porque é uma coisa altamente esporádica né? 'A a gente vai lá uma vez por semana... na verdade quando der...na verdade a à cada 15 dias... na verdade uma vez por mês... na verdade uma vez por semestre a gente vai lá e conta uma historia (risos), pra 3 crianças' entendeu? E tem que ter, assim, vendo a experiência do projeto mesmo, tem que ter mesmo um estudo daquilo que você ta fazendo, tem que ter uma base artística né? De "clown", e uma base de.. de como montar mesmo o projeto, e esse embasamento científico das melhoras que o projeto causa passam a ter

importância para o projeto ser considerado válido, e de real importância, da certo, ter credibilidade 'Olha, isso aí... não é qualquer projetinho'. Que a gente vê que tem muitos assim, né? O que a gente prega aqui é realmente um elo, um vínculo, de modo que os integrantes se tornem realmente amigos, na verdade a ideia é essa, é uma grande família, de forma que as pessoas com que eu tenho mais afinidade assim são do projeto, e não é conchecidêcia né? Cria um vínculo né?

E: Até porque o projeto acaba agrupando pessoas com ideias parecidas assim, né?

C: Sim, (...) e assim, a gente seleciona agora, no projeto, porque agora o projeto já ficou mais famoso, e tal, e tem todo um foco, tem toda uma expectativa, olhos sobre alguém com uma roupa diferente, mas a gente percebe que, infelizmente tem pessoas que entram para aparecer, e é isso que a gente tenta inibir, esse tipo de participação, então por isso que é feita a seleção. É claro que assim, o ideal seria que todos participassem, mas a gente sabe que muitas vezes o intuito, o que leva a pessoa a participar do projeto, não é aquilo que a gente precisa, né? Então, por isso que a gente tem cuidado ao selecionar. Que realmente tem pessoas que vão pra aparecer. Aparecer não sei aonde, só se for (risos) no HMU Santo André (risos), às 8 da noite, na enfermaria da pediatria (risos), não sei aonde tá a fama, a popularidade né? Então a pessoa vai achando 'Ai vou ser palhacinha, vou aparecer', então sempre que a gente abre a palestra 'O real é isso, é muito esforço, é difícil, vai demandar muito tempo, a carga horária é grande'. Então você já vê que, assim... mas a gente ainda vê muita gente que vai por outras ideias, né?

E: E... você considera a educação médica na FMABC humanizada?

C: Então, eu acho que a história do projeto tem muito a ver com isso agora, né? É...pelo menos até o quarto ano a gente vê bem a movimentação do "clown" aqui, e vocês tem contato, vocês ficam sabendo, e tem essa oportunidade, né? A maioria das faculdades não tem um projeto assim, e você

tem, de repente, um lugar em que essa oportunidade existe, e você participa.... e tem uma noção, mas que que é isso, humanização, né? Mas eu acho que no geral, é... é um grande baque quando você chega no internato. Porque até o quarto ano a gente fica aqui tendo aula, e tudo mais, então, você não chega a ver muito a atuação dos nossos professores como médicos, a gente vê como professores, né? Então, a gente avalia melhor isso quanto a gente vai pro internato, que é a pratica mesmo, né? Como é que é o relacionamento, medico paciente. Roce percebe melhor no quinto e sexto ano, e dai em diante. Então pra mim foi uma.... surpresa muito grande ver que tem muito medico grosso por ai, você vê que tem muita coisa errada, assim, os que são da faculdade, que tem contato com a gente até menos, né? Porque são professores e tudo mais, mas a gente percebe isso nos outros médicos, que dizer já se perdeu né? Já foi. Quer dizer o cara não vai ter como mudar, já não da mais. Mas até de alguns alunos, colegas nossos de faculdade, você percebe uns que são legais, e outros que de repente não, né? Mas eu acho que a gente vem de uma geração que ta mais preocupada com isso, no geral eu percebo, pelo menos de interno, assim, pessoas da minha sala e do sexto ano, n geral percebo pessoas que estão preocupadas e procuram, de uma certa forma, ser bem acessível, mas é... a faculdade, especificamente a nossa faculdade eu acho que a historia de você ter a humanização da medicina na faculdade acaba se atrelando a historia do projeto, porque seria difícil você até pensar numa coisa assim... que não existisse essa idéia, espírito que muitos alunos tem né? Porque se você... foram 87 "clowns" que o Toninho formou, preta atenção, 87 "clowns" é quase uma turma, uma turma que tenha 100 pessoas... é quase uma sala, é quase um ano, um sexto da faculdade, né? Da faculdade inteira, do primeiro ao sexto ano, você imagina que tenham esse pensamento. Agora, não é só... aquelas que se propuseram a participar, mas inda tem aquelas que gostam da idéia, mas não necessariamente queriam ser "clowns", né? 'Ai tenho vergonha', 'Não é assim que eu quero ajudar, eu apoio a idéia'. Aliais por isso que a gente fala, apóie essa idéia, são 87 "clowns", mas tem ainda os amigos nossos, que gostam, que vão lá e torcem, então olha como mobiliza, né? Então, eu consigo fazer essa avaliação só com o projeto, né? Como eu entrei no primeiro ano e já tinha o projeto, eu não tenho muito a idéia (...), vocês também, né? Não entrarão em uma faculdade que não tinha um projeto como esse. Então quem

criou que poderia dizer mais ou menos essa mudança, se percebe alguma mudança, né? A gente infelizmente não pegou, só pegou... o negocio já existia, né?

E: Uma sorte né?

C: É... exatamente isso..

E: Nem a USP tem..

C: É, então tava falando com uma pessoa de lá, né? E assim, lá tem tanta coisa, tem tanto recurso, tanto projeto, as coisas fluem, né? Tem tanta idéia lá, você vai ter uma idéia, alguém já teve, sabe? Que de repente ninguém pensou em fazer uma coisa como essa, pra eles falta... iniciativa, porque dinheiro eu acho que eles teriam... muito mais do que a gente, porque para a gente assim... a gente cresceu na dificuldade...

E: E ai você aprende a valorizar muito mais

C: É... eu acho que a dificuldade faz você... é aquele negocio suado, e eu acho que, realmente, nas dificuldades o ser humano cresce, e no problema você tira uma força, e resolve as coisas que normalmente você fala 'Nossa, não tem como resolver'. La, assim, como ele disse, 'aqui é tão fácil que ninguém teve uma idéia dessas, as coisas chegam na gente, a gente não tem que ter a iniciativa de ter a idéia', não é como aqui que tudo que a gente faz nessa faculdade depende dos alunos, se a gente não faz, as coisas não vão, né? La não, ou pelo menos, não foi essa a idéia que ele passou, né? Com o que ele falou...

E: E com relação assim, a humanização né? É o que você falou, porque a gente vê que a nossa faculdade desponta, em alguns aspectos da humanização, e tal, e a humanização no Brasil ta em contraste, né?

C: Então, vou te falar da área médica, né? Que é o que importa numa faculdade de medicina, mesmo né? O... foi muito interessante você perguntar isso, que é.. quando o Léo e a Si tiveram a idéia desse projeto, né, que a primeira turma foi em 2005, mas as idéias já vinham fervilhando na cabeça, todo esse tempo. E eles foram fazer essa pesquisa, sobre outros projetos, que tinham, né? 'Deve ter outros projetos, e tal, né?'. Eles descobriram um, em Joinville, que tinha sido criado um ano antes, um ano antes, então assim, eu imagino, ele teve a idéia lá no Sul, ao mesmo tempo que tiveram aqui, né? Porque pra ficar pronto um ano antes... então assim, mais ou menos tiveram a idéia na mesma época, porque o menino que foi o coordenador lá por alguns anos, ele também se formou, se eu não me engano, no mesmo ano que o fundador do Sorrir, então, os dois estavam no primeiro ano, os dois se formaram no mesmo ano, acho que a idéia foi bem... foi muito próxima a fundação de um projeto com o outro. Então a gente fala, quando faz alguma palestra, a gente sempre fala, que tem o nosso projeto e antes foi o de Joinville, né? Que é de medicina também né? E lá eles tem um grupo que chama Palhaçoterapia, né? Então... vou contar a historia, assim mais ou menos, pra mostrar como difundiu essa idéia. É a IF, que aqui na faculdade tem um comitê, que trabalha com intercambio e tudo mais, eles tem reuniões semestrais, AG que chama. Então cada reunião é realizada em um lugar do Brasil, porque são todas... são quase todas as faculdades do Brasil que eles tem, que têm esse comitê da IF né? Então, teve um ano, era o João que era o coordenador, né? Isso foi em 2006, ele era o coordenador e surgiu uma AG dessa ai, em Santos, Santos não, desculpa, Marilha. E ia ter na pauta das reuniões da IF, porque não é só intercambio, a IF tem muitos projetos muito mais legais assim, claro que o intercambio é muito legal, mas tem muitos projetos sociais, tem Teddy Bear, tem muitas campanhas, e tem muito dinheiro. A IF tem muito dinheiro, então esses projetos são bancados por esse dinheiro da IF que, como e que eles conseguem esse dinheiro, pelo que cada estudante paga quando vai fazer o intercambio, né? E tem uma ajuda da agencia lá internacional deles, da comitência nacional...vem também uma verba. Então, na pauta dessa reunião, do encontro da IF iam falar de humanização da medicina, e a gente recebeu, o presidente da IF recebeu esse convite e falou 'Olha, vai ter uma palestra sobre humanização, isso vai ser discutido, vocês

não queriam mostrar o projeto lá? Na AG? De repente né?' 'A não, legal, bacana'. E ele foi, mostrou o projeto lá, em Marilha, mostrou o vídeo, e assim, no final todo mundo chorando, todo mundo achou lindo, e lá ele conheceu o... ele teve contato maior com o moço de Joinville, que também era da IF, ele tava lá pela IF, ele não tava pelo Palhaçoterapia, ele tava lá pela IF. Falou 'Ou mas eu também tenho um projeto' 'Eu também tenho...'. Então assim, isso, esses detalhes, vocês ate perguntem pro Pedro, que ele vai dizer se eu to falando alguma coisa assim, não certinho, alguma coisa ele vai corrigir certamente, mas só pra ter uma idéia que foi assim. Então a gente teve contato com eles, do Palhaçoterapia. Na próxima AG, que teve 6 meses depois, em outra cidade, a gente combinou de se encontrar né? 'Vamos fazer um workshop?' Uma troca de experiências, e já começou uma conversa entre os dois projetos. E em Santos, a gente... a então, e lá na IF a gente descobriu que outras faculdades de medicina tinham um projeto de humanização, também, né?

E: Mas não com palhaços

C: Então, tinham projetos de humanização. Ai a gente descobriu que tinham, tinha um em Fortaleza, tinha um em outro lugar...em outro lugar... Mas assim, os primeiros foram realmente os nossos mesmo, e lá era uma coisa muito mais esporádica, e quando teve esse contato lá na IF que a gente apresentou o projeto eles já tiveram a idéia de também montar, na faculdade deles. Ai quando chegou em santos a gente atuou os nossos com os da Palhaçoterapia, a gente foi atuar em um hospital lá em Santos, e tinha, com a gente, um grupo de Londrina, da WEL, que eles gostaram da idéia e queriam muito montar um projeto desses, então eles foram, sem brincadeira, com agendinha, assim anotando tudo, o que a gente falava, foto, maquina, filme, tudo mais que você puder imaginar. E agente foi lá atuar e eles acompanharam toda a atuação no hospital, e foi uma emoção, você imagina você atuar com "clown", estudante de medicina de outra faculdade, o negocio é muito improvável né? Você fala 'Nossa, que legal', e eles tem outras técnicas, diferentes das nossas. Que lá eles são tipo Doutores da Alegria, os "clowns" são médicos, aqui não, aqui a gente realmente quis desvincular a idéia de medicina e "clown", justamente pra você, enquanto "clown", não ficar se

remetendo, não ficar com a idéia de medico, não, pra desvincular totalmente. E lá é diferente, lá também deu certo, deu certo pra eles. Então a gente foi andando. No final do ano, acho que foram 8 meses, eles já tinham um projeto formado, com "clown", com contação (sic) de historia, com musica, e com artesanato! Depois de 8 meses! (risos) Assim, muito esforçados, muita vontade mesmo de trabalhar, mas assim, tiveram uma ajuda financeira logo de cara, coisa que a gente ta começando a ter agora, mas é... na WEL. E ai ano passado agente fez uma... uma AG também, e eles convidaram a gente... não desculpa, teve uma AG lá em Londrina mas eles convidaram a gente... eles fizeram um evento de humanização, eles fecharam a faculdade, a universidade, fizeram um evento de humanização, anunciaram no radio, lá em Londrina, veio gente de outras universidades lá do Sul, tinha gente de um monte de lugar, e qual que era o tema, humanização na medicina, só com projetos assim... abrigando os projetos de humanização, e a gente foi lá, foi fazer a palestra só pra duzentas e poucas pessoas, então imagina..

E:Que legal

C: É, e eu no ônibus... 'Quantas Pessoas?' 'A umas 30', 'A quantas pessoas?', né ligava de novo, 'A acho que agora vamos pegar uma sala maior, vão ser umas 40', eu assim né, vamos lá, 30, 40, 50 ainda vou, agora vou te que falar no microfone... já tinha apresentação... e eu no ônibus, eu e a colega "clown" né? Imagina a gente saiu de manha, foi lá apresentou o projeto, e voltou a noite, bate e volta no mesmo dia, pra Londrina, imagina, de ônibus. Ai eu ligava pro Silvio, que já tava lá, 'Silvio, quantas pessoas?' 'Então agora parece que vão ser duas salas, eles vão juntar duas salas' (risos) ai eu 'Como assim vão juntar duas salas? Não tem divisória as salas?' (risos) 'Não, eles vão pegar uma sala maior' 'Quantas pessoas' ' A acho que vão ter umas 100' . E eu já ficando nervosa né. Ai 'Silvio, e ai como é que vai ser?' ' Não parece que agora vai ser em um espaço maior' 'Aonde?' ' Parece que vai ser um auditório' ... um auditório? Ai eu pensando num auditório Goff né? Porque aqui chama AUDITORIO Goff né? (risos) Ta vai ser um auditório, chego lá ' Você quer ir montar a aula? Já deixar montadinho preparado pras pessoas' 'O não, quero vamos lá né, vamos ver'. Coloquei no computador tal. Na hora que eu entro

(risos), falei não, sem brincadeira, nossa, assim, alto, assim a perder de vista, e largo, nossa, 200 acho que eu calculei muito mal, cabia... (...) era enorme o lugar.

E eu ai, ai meu deus, agora eu vou, e eu falei, ai meu deus. E lá de novo a gente entrou em contato com o pessoal da Palhaçoterapia, e lá eles (a turma de Londrina) falaram ' olha, a gente fez uma camiseta que a gente escreveu Sensibilizarte'.. que a gente tem a nossa camiseta né, 'Eu Apoio' e quando fizeram essa camiseta caíram matando em cima da Juliana Bueno, que fez, que é da primeira turma, ela fez tal e o eu apoio ficou sem acento, porque eu apóio, deveria ter acento, e na nossa camiseta, ai.. bom graças a reforma da gramática (risos) agora, foi ate o que o Sivio falou, agora nossa camiseta ta certa né? Ainda bem que a gente não colocou acento, que agora ta certo, mas antes não tava. E ai quando eles foram fazer a camiseta eles fizeram Sensibilizarte eu Apoio, porque a gente tem Eu Apoio, então eles colocaram eu apoio, e nas discussões lá do que vai colocar, vamos colocar eu apoio, igual do "Sorrir é Viver", eles adoram a gente, eles fazem as coisas, nossa o "Sorrir é Viver" também tem? A gente também vai! E nas discussões lá, 'não o eu apoio deles não tem acento' 'então o nosso não vai ter' (risos) 'mas não, não, pela gramática...' ' não mas o deles não tem, então o nosso também não vai ter!'. Então o deles também não tem, porque o nosso não tem acento, eles contaram isso pra gente..

E:Nossa, até isso

C:Até isso' Não e a gente foi apresentar nosso vídeo, pra aquela galera, e ai eu falei assim.. a menina falou assim.. eu falei 'a estamos aqui, eu já vi o que vamos apresentar, mas os vídeos vão ser apresentados em que ordem?' ' Agente vai apresentar o nosso, a Palhaçoterapia o deles e vocês vão ser os últimos' a gente ' a tudo bem', ai...é... ' Só uma pergunta, esse vídeo que vocês vão passar é aquele que a gente já viu, assim, assim, assim....' 'É a gente mudou algumas coisas mas basicamente...' 'A musica é a mesma?' 'Como assim?' 'Aquele musica alegria... do circo de Solei?' 'É é a mesma..' 'A... então ta...' . Não ai ela foi lá e ela pegou o microfone e falou ' Gente, a gente vai passar um vídeo nosso, e vocês vão perceber que tem uma musica que é

igual a musica do outro projeto, (risos) mas agente colocou essa musica porque no vídeo deles tinha, então a gente gostou da musica, fez o vídeo e colocou a mesma musica...' Quer dizer....vimos modelos né? E nossa, tratando a gente super bem, pessoal super da paz, paz amor, assim, sabe, e amenina que anotava, atrás da gente anotando, né? Ela falou assim, teve um evento aqui na faculdade, né? No começo de Janeiro de 2008, também pela IF chamado PANSA, que era uma reunião dos estudantes de medicina da América Latina, então veio gente do Panamá, Chile, Argentina assim... vieram os gringo ai (risos)... E assim tinha que fazer... uma parte da carga horária tinha que ser uma atividade pratica, então ai a presidente da IF naquele ano era minha amiga, super amiga e a... falou 'então, eu vou pegar esse dia só pra vocês'

E: Nossa..

C:É, então, ai a gente fez a palestra, fez um workshop, e a gente passou.. para eles terem uma noção do que a gente faz nas aulas né? E ai a atividade pratica deles foi participar de uma festa de carnaval...e observe que foi em Janeiro... uma festa de carnaval na casa de apoio, que é um dos lugares que a gente visita, né? Que o projeto visita... que é uma casa de apoio apoiada pelo Mc Donalds né? É uma casa Ronald McDonald, né? Que trata de crianças com câncer, então... a gente fez a festa ali, com toda a "gringaiada", todo... de "clown", a gente fez uma festa de carnaval com eles e... eles adoraram, assim, foi de mais, e essa menina de Londrina também veio, e ai ela me viu de "clown" lá em Santos, ela me viu de "clown" aqui, né? Pelo Sensibilizarte, que é o projeto deles lá, e ai quando chegou lá em Londrina, que teve a musica, o eu apoio sem acento (risos) e tal... ai eles se vestiram de "clown" né? Qual foi minha surpresa que a... meu "clown" tem uma florzinha né? De pelúcia, chama Fulo né, a minha flor... e qual não foi minha surpresa que ela veio, vestida de "clown", com uma flor daquela também (risos), ai eu olhei assim falei... 'Não acho que.. coincidência né?' ai ela falou que o nome da flor, do "clown" dela, o nome da flor, era alguma coisa parecida com a Fulo...era alguma coisa assim... ai ela falo 'Sabe... essa florzinha?' falei 'Sei',

'Ela é parente da sua florzinha!' (risos) ai eu falei, ai então foi isso mesmo... ' A é?' ai ela falou ' É, sabe que muito do meu "clown" eu tive idéia vindo o seu, que eu gostei muito!'. E ela veio falar comigo depois, veio falar comigo depois daqui, e eu não to sabendo o que ta se passando, que ela veio falar comigo né... Então dai você tira muitas lições né? Do que ta acontecendo... de repente tem muita gente que.. te vê como modelo, te vê como uma inspiração e você né? Ta na sua, humildemente, você não ta fazendo nada, mas de repente a pessoa viu em você, né, 'Aquela pessoa é legal.' 'Eu quero ser como aquela pessoa', dai a importância de da tudo de si no que você faz, você é inspiração pra alguém, mesmo que você não saiba, que não seja essa sua intenção, você acaba sendo sem saber né? Dai a importância de levar esse projeto com muita seriedade e tomar muito... presta muita atenção naquilo que você faz, no que você diz, né? Depois que eu... eu tomei um susto, por que era uma menina que eu via, e ela sabia.. ela sabia o nome do meu "clown", ela sabia a minha roupa, ela sabia o nome da minha flor, que o meu "clown" tinha uma flor, e que em tal momento eu fiz assim, assim, coisas que eu não lembrava... e eu falei 'gente..é..é...', Não só o meu "clown", outras pessoas ela também sabia... não é uma coisa... a gente não faz esse trabalho pra ganhar fama, não é nada disso, mas de repente foi vindo aquilo, o nosso amor, aquilo que a gente fez com tanto amor, tanto empenho, aquilo fez... você fala com tanta paixão que de repente brotou a idéia na cabeça da menina e ela gostou, e aquilo motivou, de repente, não só aquilo, a.. teve um monte de coisa, mas aquilo também, então sempre tomar cuidado com aquilo que... a bandeira que você leva do projeto.. então eu penso assim, você é "clown", você ta no projeto, você ta ali, não só de "clown" né? Hora que você sai de "clown" você também tem uma responsabilidade (...) porque você será sempre inspiração pra alguém, tenha sempre isso em mente.. não que.. é involuntário, não sei, porque que Caetano Veloso fez tão musica inspirada em Tom Jobim? Meu foi uma coisa involuntária sabe (risos), as influencias ocorrem, então... você certamente será inspiração de alguém.

E: E... agora...o que é pra você humanização?

C: Amor... é isso... porque eu acho que assim.. humanização vem de humano, vem de gente, pessoas né? Eu acho que as pessoas... tem que ter uma harmonia, no relacionamento interpessoal, a gente tem que se tratar bem né? Então eu acho que... por ser um... um relacionamento bom entre as pessoas, um relacionamento humano mesmo, humanização é isso. Então... amor.